

POR UMA EDUCAÇÃO DECOLONIAL: A CAPOEIRA EM JOGO - APLICAÇÃO DE UM JOGO DE MEMÓRIA PARA SURDOS

FOR A DECOLONIAL EDUCATION: CAPOEIRA IN GAME - APPLICATION OF A MEMORY GAME FOR THE DEAF

Ivalda Kimberlly Santos Portela¹

<https://orcid.org/0000-0002-5969-8015>

kportela44@gmail.com

Magno Santos Batista²

<https://orcid.org/0000-0001-7074-8661>

msbatista@uneb.br

Resumo

Os dados do Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE) divulgados em 2020 pontuam que mais de 10 milhões de pessoas tem algum problema relacionado à surdez, ou seja, 5% da população brasileira é surda. Objetiva-se, com esse relato de apresentar informações acerca da aplicação de um jogo de memória para surdos. No jogo de memória, tomamos como temática a capoeira, pretende-se também atender as discussões estabelecidas na Lei nº 10.639, isto é, o relato procura contemplar a duas frentes caras para a sociedade contemporânea, o preconceito à pessoa com necessidade especial e raça. A base teórica principal assenta-se nos estudos postulados por Paulo Freire. Essa proposta foi desenvolvida na disciplina de Libras, em aulas curriculares do curso de Educação Física da Universidade do Estado da Bahia- UNEB/Campus X-DEDCX, situado na cidade de Teixeira de Freitas, durante o semestre letivo 2021.1. Quanto a metodologia, adotamos estratégias das metodologias ativas e da pesquisa-ação. Os resultados apontam para a importância das intervenções lúdicas, as quais contribuem para a formação de uma aprendizagem significativa, despertam nos educandos sentimentos de pertença, identificação social e cultural e proporcionam a reflexão das várias condições que os educandos vivem.

Palavras-Chave: Surdo; Aprendizagem; Metodologia pedagógica.

Abstract

Data from the Brazilian Institute of Geography Statistics (IBGE) released in 2020 point out that more than 10 million people have a problem related to deafness, that is, 5% of the Brazilian population is deaf. The objective of this experience report is present information about the application of a memory game for the deaf. In the memory game, we take capoeira as a theme, it is also intended to meet the discussions established in Law No. 10.639. The main theoretical basis is based on studies postulated by Paulo Freire. This proposal was developed in the was developed in the Brazilian Sign Language "(Libras)" discipline, in curricular classes of the Physical Education course at the University of the State of Bahia-UNEB/Campus X-DEDCX, located in the city of Teixeira de Freitas, during the academic semester 2021.1. Methodologically, we adopted strategies from active methodologies and action research. The results point to the importance of playful interventions, which contribute to the formation of a meaningful learning, awaken in the students feelings of belonging, social and cultural identification and provide a reflection of the various conditions that the students live.

Keywords: Deaf; Learning; Pedagogical Methodology.

¹ Graduada em Educação Física pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB e Mestranda em Educação – UFBA.

² Mestre em Letras: Linguagens e Representações (UESC). Doutorando em Língua e Cultura - UFBA.

INTRODUÇÃO

A Organização Mundial de Saúde estima que cerca de 10% da população mundial possui uma deficiência que pode ser: visual, auditiva, física, mental, distúrbios de conduta e outras. Além da ONU, os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgados em 2020 pontuam que mais de 10 milhões de pessoas tem algum problema relacionado à surdez, ou seja, 5% da população brasileira é surda. Entre essas pessoas, 2,7 milhões não ouvem nada. Ainda em relação à surdez, a Organização Mundial da Saúde (OMS), estima que 900 milhões de pessoas no mundo podem desenvolver surdez até 2050.

A conquista de uma sociedade inclusiva, não é fácil, pois o sentimento de exclusão parece estar sempre presente entre os sujeitos com deficiência. Essa marginalização se dá, sobretudo, na sala de aula, uma vez que são segregados e separados dos educandos considerados normais.

De acordo com Paulo Freire (2013), a educação deve funcionar para produzir/ou reproduzir a formação social existente como um conjunto de práticas culturais que promova a mudança democrática e emancipadora. Precisamos começar a encará-la como a relação entre os educandos e o mundo, mediada pela prática transformadora desse mundo, que tem lugar precisamente no ambiente em que se movem os educandos (FREIRE, 2013).

Na busca por uma prática transformadora, uma das vitórias alcançada pelos educadores que trabalham com a perspectiva da inclusão, foi à publicação da Lei 10.436/02. No projeto de Lei, a Língua Brasileira de Sinais (Libras), é reconhecida como meio legal de comunicação e expressão da pessoa surda. (BRASIL, 2002).

Art. 1º, parágrafo único a:

[...] Língua Brasileira de Sinais como uma forma de comunicação e expressão legalmente estabelecida, Libras, a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil (BRASIL, 2002).

Nos termos da Lei 10.436, a Libras apresenta características linguísticas, sociais, culturais próprias. Essas particularidades atribuídas a Língua de Sinais contribuem para a inserção dos intérpretes na sala de aula, e, também, da fomentação de pesquisas e estudos acerca da Libras. Além disso, ao ser inserida na escola e nos cursos de graduação como componente curricular, possibilita as crianças surdas serem alfa-letradas em Libras, o aprendizado de conteúdos diversos, e, também, evita o panorama do que encontramos em sala hoje: alunos surdos copistas.

Conforme Paulo Freire (2013), a alfabetização não é tratada meramente como uma habilidade técnica a ser adquirida, mas como fundamento necessário à ação cultural para a liberdade, aspecto essencial daquilo que significa ser um agente individual e socialmente constituído, é, inerentemente, um projeto político nos quais homens e mulheres afirmam seu direito e sua responsabilidade não apenas de ler, compreender e transformar suas experiências pessoais, mas também de reconstituir relação mais ampla com a sociedade (FREIRE, 2013).

A implantação do projeto de Lei ainda não alcançou os resultados satisfatórios para os educandos surdos. Em muitas realidades escolares a Libras não é ensinada, nem mesmo em

turno oposto. Em outros lugares, não há intérpretes em número razoável para atender aos surdos matriculados, ou funcionários que saibam Libras para dar informações básicas. Esses problemas desencadeiam outras situações, afetando a interação e a socialização das pessoas surdas.

A Língua de Sinais constitui um dos mecanismos que as pessoas surdas utilizam para estabelecer a interação e a socialização com os colegas, amigos, professores e familiares, sendo assim, o contato com o mundo da informação, do diálogo, da palavra. Na procura de inserir as pessoas surdas a partir da língua nos diversos contextos sociais, o uso da língua as possibilita reconhecer as diferenças entre os indivíduos, a almejar lugares que antes de utilizar o código linguístico, não seria possível.

O processo de inclusão deve reconhecer as diferenças existentes e não as normatizar, pois não se deve almejar a transformação de um surdo, em ouvinte, uma vez que, não se deve negar o direito à diferença linguística e cultural do discente surdo. O preconceito da pessoa surda ainda é maior quando a mesma é negra. No Brasil, são anos de exclusão e marginalização dos negros por parte dos governantes e da sociedade brasileira.

Portanto, um dos mecanismos de inclusão é o trabalho da capoeira como ferramenta inclusiva, pois a partir dele trabalhamos com esses dois grupos excludentes em nossa sociedade. Por fim, o objetivo do texto é apresentar informações acerca da aplicação de um jogo de memória para pessoa surda. Para tanto, dividimos o texto nas seguintes seções: metodologia, resultados, discussões e considerações.

A MEMÓRIA NA CAPOEIRA

O Brasil é um país afrodescendente, sendo assim a cultura dos nossos ancestrais está presente em vários espaços artísticos em termos históricos, sociais e culturais. Contudo, há uma visão preconceituosa e de apagamento dessa cultura. Ao longo do tempo, representatividades negras buscaram de forma individual ou coletiva o espaço que lhes foi negado. A cultura brasileira, faz-se necessário destacar também, deriva do agrupamento de várias outras culturas: indígenas, europeias e principalmente africanas.

Ao nos referimos ao campo performático artístico e corporal, sabemos que nos é aberto um leque conceitual e prático. Um dos exemplos dessa expressão é a capoeira, pois esta traz consigo relações entre performance, memória, corpo e conhecimento. Nesse ritual, é transmitida toda uma mensagem de preservação de saberes do estilo artístico afro-brasileiro. Sobre a performance, nos explicou Leda Martins (2002):

Nas danças rituais brasileiras, sejam de ascendência banto ou nagô-iorubá, as coreografias côncavas e convexas que criam um espaço de circunscção do sujeito e do cosmos remetem-nos não apenas ao universo semântico e simbólico da ação ali re-apresentada, mas constituem em si mesmas a própria ação, instituída e constituída pela performance do corpo. Dançar é performar, inscrever. A performance ritual é, pois, um ato de inscrição, uma grafia. Nas culturas predominantemente orais e gestuais, como as africanas e as indígenas, por exemplo, o corpo é, por excelência, o local da memória, o corpo em performance, o corpo que é performance (MARTINS, 2002, p. 88).

É possível observamos, a partir da citação acima, que a tradição herdada do povo negro, muitas vezes, não foi registrada de forma gráfica, tendo em vista que o modo de transmissão de saberes se dava a partir do universo oral. Desse modo, é a memória presente nos sujeitos, e materializada em seus corpos, que faz perpetuar os conhecimentos, tradições e histórias de tal comunidade. Assim, ao “performatar” o jogo de capoeira no presente e em solo brasileiro, os sujeitos que dele participam se apropriam e transmite uma série de conhecimentos acumulados por mais de 500 anos de história.

O surgimento da capoeira percorre algumas hipóteses referentes à sua origem, porém é inquestionável a presença negra nessa prática desde a aparição de suas dimensões múltiplas. Mesmo com a mistura de raças e sua expansão mundial, a capoeira continua sendo uma cultura de pertencimento e apropriação do povo negro. Esse âmbito salientado, é perceptível por meio dos instrumentos utilizados, haja vista que estes remetem à tradição ancestral do povo negro que veio habitar neste país.

Através de movimentos corporais, é praticada a “vadiagem”. Essa consiste em atos simbólicos, musicais e místicos religiosos. A expressão da história desse povo é “performada” nas rodas de capoeira, permeada intensamente pelas marcas da negritude. Sobre a categoria agora acionada, é importante destacar:

No terreno político, negritude serve de subsídio para a ação do movimento negro organizado. No campo ideológico, negritude pode ser entendida como processo de aquisição de uma consciência racial. Já na esfera cultural, negritude é a tendência de valorização de toda manifestação cultural de matriz africana (DOMINGUES, 2005, p. 26).

A memória africana é diretamente ligada a um dos traços mais marcantes da capoeiragem, essa vem carregada de marcadores de exclusão de um povo, que deu origem à arte como resistência da negritude em solo brasileiro. Estes que por quase 400 anos, em meio a condições desumanas, sofreram a diáspora de seu continente natal e viveram aqui como escravos. Por mais que tenha sido abolida, a escravização deixou suas marcas cruéis de discriminação étnico-racial, maquiada até hoje no Brasil e camuflada na forma de uma pseudodemocracia racial.

Na atualidade, a capoeira vem passando por processos de transformações, essas incluem as perdas das referências africanas. “O racismo descolou essa relação histórica entre negritude e capoeira e criou apropriações distorcidas, como a capoeira gospel”, explicou Larissa Ferreira apud Débora Brito (s/p, 2020). Ainda de acordo com alguns especialistas, a exemplo de Larissa Ferreira, professora de dança do Instituto Federal de Brasília (IFB), por mais que essa prática seja oriunda do povo negro, ela vem sofrendo descaracterização de sua identidade e afastando principalmente a presença da mulher, em especial da mulher negra.

Nesse contexto, outro fator importante a ser destacado é a presença da capoeira no mundo. O processo de internacionalização da capoeira não é novo, sua expansão e popularização global deve-se a grandes nomes de mestres (as), contramestres (as) e professores (as) que a popularizaram mundialmente. Nos dias de hoje, são encontrados grupos

de capoeira nos cinco continentes, com maiores números de praticantes latino-americanos e europeus.

No Brasil, as cidades de referência são Salvador, Rio de Janeiro e Recife. A capoeira surgiu então na região portuária, sendo apresentada por escravizados vindos do continente africano. Salvador por sua vez, consiste na capital com maior número de descendentes africanos do país e é considerada a cidade mais negra fora da África. Os negros (pretos e pardos) somavam 2,425 milhões, ou 82,1% das 2.954 milhões de pessoas que lá vivem. No Brasil, a média de negros é de 54%, segundo os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), do IBGE (2017).

O presente trabalho irá avaliar como a capoeira constitui-se como um lugar de resistência e memória. A principal motivação para sustentar o presente projeto de pesquisa, reside na importância que o tema percorreu ao longo de séculos e possui para a sociedade atual, sendo considerado um tema histórico dos sujeitos pertencentes a comunidade afrodescendente.

A CAPOEIRA COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO

A capoeira constitui-se como um lugar de resistência e memória, porque a sua prática apresenta aspectos de ordem étnico-racial, cultural, social e histórico dos sujeitos pertencentes a comunidade afrodescendente. Além disso, a capoeira como prática cultural dos afrodescendentes, trilhou os caminhos mais árduos e difíceis da cultura brasileira, por séculos foi marginalizada, excluída e criminalizada pelas elites escravistas.

A literatura define a capoeira como um jogo de defesa que tem suas origens “remotas” em Angola. Era antes uma forma de luta muito valiosa na defesa da liberdade, de fato, ou de direito do negro em ânsia de liberdade, que se desenvolve há cerca de cem anos, em razão da forte repressão policial e das novas condições sociais, finalmente em um jogo/dança, uma vadiagem entre amigos.

No campo educacional destaca-se que a partir da criação dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN’s – em 1998, a educação passou a contemplar mais esta modalidade de esporte, jogo, folclore, arte, cultura, com legitimação. Sendo a capoeira uma manifestação considerada genuinamente brasileira contendo traços da cultura africana e por isto deva ser considerada como uma manifestação afro-brasileira, que apresenta uma multiplicidade de facetas inerentes não só ao campo da Educação Física, mas também às disciplinas escolares, nos remetendo a um novo instrumento pedagógico para a formação global do aluno devido ao seu caráter interdisciplinar.

Hoje, com a Lei 10.639/2003, e posteriormente a Lei 11.645/2008, instituíram a obrigatoriedade do ensino de conteúdos de história da África, e dos afro-brasileiros e indígenas nos currículos escolares, a capoeira pode ganhar maior força para ser reconhecida com conteúdo riquíssimo para o acervo cultural do aluno, desenvolvendo não somente o aspecto motor, mais também o conectivo e afetivo-social. Existem barreiras e resistência ao que desrespeita a aceitação da capoeira nas instituições como instrumento pedagógico de formação educacional. Historicamente, sobre esse trabalho, verificou-se que no início a capoeira era vista

com muito preconceito e receio pela população branca e era discriminada, o uso como fator positivo da aprendizagem era remoto.

No entanto com a disseminação das ideias dos mestres e mestras de capoeira e das transformações sociais do povo brasileiro, a capoeira terminou por conquistar as diversas camadas da sociedade. Esse acontecimento contribuiu para que os e as capoeiristas pensassem em introduzir esse jogo/dança como instrumento pedagógico na escola, isto é, utilizar a capoeira para promover uma socialização mais ampla e conseqüentemente, a inclusão social de muitas crianças, adolescentes, e jovens praticantes da capoeira.

EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA E DECOLONIAL

A Educação Física Antirracista propõe uma inversão, ou seja, denúncias são importantes para atos antirracistas, mas é a produção de anúncios que muda a realidade, inscrevendo nesse ato político a quebra do silêncio, que tira a população negra/preta da condição de encarcerados na própria realidade. Segundo Freire (1987), promover uma prática educacional que possibilite desenvolver a criticidade dos estudantes, é, não mais, repetir ensino de educação bancária em que o professor deposita o conhecimento como se o estudante fosse um mero receptáculo, e assim reforçando a dominação dos opressores em relação aos oprimidos.

Na tentativa de romper com o caráter técnico-mecanicista da Educação Física escolar, surgem outras perspectivas pedagógicas, tais como: Desenvolvimentista, Construtivista, Saúde renovada, Crítico-Superadora, Crítico-Emancipatória, Cultural entre outras. Diferentemente das anteriores, essas teorias de currículo, ainda que distintas, trouxeram novos significados e contribuições para as aulas de Educação Física escolar (DARIDO & RANGEL, 2005).

A capoeira é um instrumento pedagógico de inclusão que traz ao educando benefícios cognitivos e motores, porém é necessário romper com o pensamento discriminatório em relação ao ensino de capoeira na Educação. A capoeira atualmente representa uma legítima manifestação brasileira e sua miscigenação com a cultura africana. Entretanto, é necessário implantar de modo efetivo a Lei 10.639/2003 na escola em forma de interesse comum e interdisciplinar.

METODOLOGIA

O processo metodológico adotado para discutir “A Capoeira em Jogo: relato de experiência da aplicação de um jogo de memória para deficiente auditivo” foi dividido em três etapas.

A primeira parte foi o levantamento bibliográfico, isto é, a coleta de informações e discussões acerca da Educação inclusiva com enfoque na surdez e na capoeira. Para tal utilizamos como suporte teórico a Lei de Libras e as discussões de Paulo Freire. Esse suporte nos permite entender a importância da comunicação através da Língua de Sinais e, também, do processo de construção da Identidade Cultural, bem como do desenvolvimento de cognição e linguagem.

Na segunda etapa, trabalhamos para a construção do jogo da memória virtual. A título de ilustração, optamos por utilizar a figura de um dos autores do texto. Portanto, foram confeccionados catorze cards sendo sete pares no total. A temática selecionada na confecção dos cards foi afro-brasileira.

Seguem abaixo a confecções de alguns cards:



CARDE ÁFRICA (fonte: imagem autoral da pesquisadora)



BRASIL (fonte: imagem autoral da pesquisadora)



RESPEITO (fonte: imagem autoral da pesquisadora)

A terceira foi à fase de aplicação, o jogo foi aplicado para cinco pessoas no total, o número foi reduzido pelo momento atípico a qual estamos atravessando. Os cinco integrantes fazem parte do grupo de Capoeira Liberdade da Comunidade extrativista e pesqueira da Barra de Caravelas distrito da cidade de Caravelas-BA, a qual reside à pesquisadora Ivalda Kimberly Santos Portela. Por último as discussões e análises.

RESULTADOS

A Língua Brasileira de Sinais, (Libras), é usada por milhões de brasileiros surdos e deficientes auditivos no Brasil. O desenvolvimento de algumas políticas de inclusão para a comunidade surda fez com que, em 2002, a Libras fosse reconhecida como língua oficial. Vale a ressalva que a língua Libras, não é universal, cada país pode adotar uma linguagem de sinal,

estas possuem características próprias, tanto do ponto de vista social, quanto cultural e identitário.

Na busca para a oficialização da língua Libras, alguns aspectos foram considerados, e, também, foram relatados na pesquisa: a visão da sociedade sobre a língua de sinais é um tabu e é desnecessária; o Brasil ainda é considerado um país preconceituoso; o percurso histórico das pessoas com deficiência e do povo negro nos faz perceber o quanto ainda somos lentos sobre o respeito à diversidade e como nossas políticas públicas e educacionais ainda são insuficientes.

Além desses relatos, os participantes ainda disseram que as propostas curriculares de Educação Física externam sintomas considerados graves de amnésia em relação às práticas corporais africanas, afro-brasileiras e indígena, ou seja, não há práticas esportivas das populações africanas e indígenas no espaço escolar. Também afirmaram que língua de Sinais ainda é considerada objeto de diferença e desigualdade, e que as brincadeiras africanas e afro-brasileiras que trazem consigo características, valores e a inserção de elementos culturais africana são marginalizadas e desconsideradas nas atividades escolares, sobretudo com as pessoas com deficiência.

A aplicação do jogo foi de grande importância para o grupo, pois as crianças tiveram a oportunidade de conhecer um pouco da língua de sinais de forma didática e de fácil compreensão. Foi notória a satisfação dos discentes com a temática da Libras, o jogo despertou curiosidades e indagações nos educandos. A capoeira pode ser considerada uma ferramenta inclusiva, porque integra em seus conteúdos ricas possibilidades de discutir cultura, valores sociais e identidades. Além disso, é um potente instrumento de educação e integração social.

Portanto, os resultados apontam a importância das intervenções lúdicas, as quais contribuem para a formação de uma aprendizagem significativa, despertam nos educandos sentimentos de pertença e identificação social e cultural, e proporcionam a reflexão e a leitura das várias condições que os educandos vivem.

DISCUSSÕES

Ao ter contato com a docência na educação básica, o estudante ainda em formação em uma licenciatura, é provocado a refletir sobre questões didáticas e pedagógicas. Além disso, convidado a buscar ainda na graduação subsídios para trabalhar futuramente temas sociais, como: etnia, raça, gênero

No cerne da pedagogia do saber de Paulo Freire (2013), encontra-se a ideia de que nomear o mundo torna-se um modelo para transformar o mundo. A educação é indispensável devido ao papel que desempenha no desenvolvimento da consciência crítica (FREIRE, 2013).

Assim, discutir práticas inclusivas e antirracista, contribuem para a formação de uma Educação Física sem estereótipos e com respeito as diferenças. Além de ser uma das maneiras de romper com os princípios tradicionais de ensinar, de ver os movimentos culturais, religiosos e sociais dos povos que ocupam o território brasileiro como um recurso de identidade e legitimação de culturas.

E trabalhar a capoeira representa também luta contra a exclusão e do combate contra dos primórdios da escravidão e da opressão. É uma arte que demonstra ser possível viver em harmonia, independentemente da cor da pele ou da origem social.

REFERÊNCIAS

Brasil, Lei Federal nº 10.436, de 24 de abril de 2002. **Reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais e dá outras providencias**, Brasília, 2002.

DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. **Educação Física na escola**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

FERREIRA, Larissa. “Entrevista”. In: BRITO, Débora. **Mulheres usam roda de capoeira como espaço de luta pela igualdade: Prática pode incentivar resgate da identidade racial**. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-07/mulheres-usam-roda-de-capoeira-como-espaco-de-luta-pela-igualdade>. Acesso em: 6 nov. 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

Freire, Paulo. **Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra**. 7ª edição ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2013.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2020. **Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílio Contínuas**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9171-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-mensal.html?=&t=o-que-e>. Acesso em 20 de nov.2020.

MARTINS, L.; “Performances do tempo espiralar”. In: RAVETTI, Graciela; ARBEX, Márcia. **Performance, exílio, fronteiras: errâncias, territoriais e textuais**. p. 306, Belo Horizonte: UFMG, 2002.